



NORMA, ABJEÇÃO E UMA JORNALISTA QUE ADORA DAR DIAGNÓSTICOS - NARRATIVAS SOBRE A TRANSEXUALIDADE NO FANTÁSTICO¹

Tiago Sant'Ana²

Resumo: Este trabalho propõe uma análise das reportagens veiculadas pela revista eletrônica *Fantástico* acerca da transexualidade. O objetivo principal da pesquisa é compreender de que maneira o programa abordou a transexualidade, bem como o modo pelo qual discursos médicos e psicológicos foram utilizados nas reportagens para tornar abjeto os corpos das personagens citadas. Analisamos três reportagens: duas divulgadas entre janeiro e fevereiro de 2011 e outra de 1989 – a fim de obter uma análise comparativa das formas de narrativa sobre a transexualidade em dois períodos distintos, além de observar se houveram avanços na discussão. Os resultados revelam que o tratamento dado contribui para a não-humanização das pessoas trans.

Palavras-chave: Transexualidade; Jornalismo; Abjeção; Fantástico

Neste artigo, fiz a opção de apresentar uma análise mais profunda do meu lócus de pesquisa em detrimento de realizar um levantamento teórico sobre transexualidade e representações na mídia.³ Sem mais delongas, vamos ao que interessa.

Analisando a transexualidade na revista eletrônica *Fantástico*

¹ Este artigo é um breve recorte do meu trabalho de conclusão do curso para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. A monografia foi orientada pela Prof. Dra. Maria de Fátima Ferreira e participaram da banca de avaliação a Profa. Dra. Suzana Maia e o Prof. Dr. Leandro Colling, além da orientadora do trabalho. A monografia completa pode ser acessada através do link: <http://bit.ly/NrluBd>

² Jornalista formado pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. É integrante do grupo de pesquisa CuS (Cultura e Sexualidade) sediado na Universidade Federal da Bahia. Integrante do Coletivo Aquenda! De Diversidade Sexual. Email: tiago.santana.jornalismo@gmail.com

³ Já fiz textos refletindo sobre questões mais teóricas. Além da minha monografia – que é a culminância de quatro anos de pesquisas e leituras sobre sexualidade e Teoria Queer. Sobre a temática da transexualidade, ver SANT'ANA, 2011; SANT'ANA, SANCHES, 2011.

Analiso as reportagens individualmente, destrinchando-as e discutindo as questões suscitadas pelas produções. Após isso, realizaremos uma análise relacional, a partir dos resultados obtidos – atentando para as construções de sexualidade e de representação jornalística.

3.1 - Transexuais lutam para conseguir mudar de nome nos documentos⁴

Essa reportagem foi exibida no dia 23 de janeiro de 2011 e tem como repórter Renata Ceribelli. A chamada é feita por Pedro Bial, apresentador do reality-show *Big Brother Brasil*⁵. Após falar sobre os rumos dos participantes da atração global, ele chama a reportagem.

Cabeça⁶ – Pedro Bial: [...] Por falar, em barra. A primeira eliminação do BBB 11, na semana passada, quando Ariadna nos deixou. Nos chamou atenção para uma realidade difícil. Afinal, como vivem os transexuais no Brasil?

O objetivo da reportagem é mostrar histórias de transexuais e revelar os processos para mudança de nome e para a realização da cirurgia. A narrativa começa trazendo a volta de Ariadna Thalia para o seu bairro, Realengo, no Rio de Janeiro. Ela foi a primeira participante transexual na história do programa e foi eliminada na primeira semana do reality-show.

A reportagem inicia com um *insert* de imagens do *Big Brother Brasil*. Primeiro, em um momento de alegria em que todos os participantes do reality-show brindam a chegada no programa, Ariadna grita: “Só lembrando que nós mulheres somos a maioria”. Logo depois, ela é mostrada na beira da piscina falando em tom de confissão para dois participantes: “Eu sou a transexual da casa”.

Então, no começo da reportagem, já é mostrada essa dualidade entre ser mulher e ser transexual. Seria uma forma de dizer que a transexual na verdade não é tão mulher assim quanto ela diz. Esse é o início de um discurso que vai perpassar por toda a reportagem. Isso também tem relação com a própria noção de um segredo sexual revelado. Além da óbvia hierarquização que esses dois *inserts* propõem – na medida em

⁴ A reportagem pode ser acessada no link <http://glo.bo/g9j3z4>

⁵ Reality-show que no Brasil chega à décima segunda edição. A lógica do programa é confinar 12 pessoas de diferentes realidades numa casa montada especialmente para a atração. Apesar da proposta do programa ser ressaltar a diferença, existe um ideal de beleza, higiene e conduta em torno dos participantes.

⁶ É quando x apresentadorx chama a reportagem.

que um revela alegria (quando se fala que é mulher) e outro revela tristeza ou vergonha (quando se apresenta como transexual). Na cabeça da imagem, Pedro Bial utiliza “os” para designar transexuais. E, como na reportagem as personagens principais são mulheres transexuais, não existe, portanto, um respeito à identidade de gênero dessas pessoas.

A reportagem continua trazendo Ariadna em seu bairro de origem. A proposta da repórter é perguntar se as pessoas do bairro sabiam sobre a transexualidade da cabelereira.

Off⁷: Saber que Ariadna é transexual não pegou de surpresa só a maioria dos brothers. Na sua volta para casa, em Realengo, subúrbio do Rio.

A reportagem continua: “Essa aqui é minha manicure”, mostra Ariadna. “Eu nem sabia de nada, eu nem suspeitava, porque a mão dela é tão feminina”, diz. “Fiquei sabendo a partir do Big Brother”, fala um vizinho.

Nesse primeiro momento existe a apresentação de Ariadna como alguém popular e famosa – haja vista que muitas pessoas estão ao seu lado, tirando fotos e abraçando-a. Também é explorado o corpo de Ariadna, dando close em partes como mãos, pés e imagens feitas em contra-plogé (de baixo para cima).

Essas tomadas revelam um corpo feminino e o texto que vem a seguir mostra exatamente o porquê de tais enquadramentos: A curiosidade em saber como é o corpo de uma transexual, como ela vive e como é o processo de reconhecimento de si. E é justamente o fator “curiosidade” um dos principais pontos fortes para a publicação dessa reportagem. A vida privada, o exotismo, o inesperado também podem ser enquadrados como um critério de divulgação – diante do caráter de revista eletrônica do *Fantástico*.

Passagem⁸: A Ariadna ficou só uma semana na casa, mas foi o tempo suficiente para mexer com a curiosidade das pessoas sobre a vida dos transexuais. Ariadna, em que momento você se descobriu uma mulher no corpo de um homem?

Sonora⁹ – Ariadna Thalia: Desde criança eu sentia um distúrbio. Eu não queria ser aquele menino, eu queria ser uma menina.

Aqui é interessante notar como Ariadna fala de si enquanto alguém com distúrbio, com alguma anomalia. O que nos faz pensar que as próprias mulheres transexuais

⁷ Voz de fundo que dá voz ao repórter.

⁸ Momento em que x repórter aparece para narrar um momento importante na matéria. Seja para entrevistar alguém ou para mostrar que ele realmente estava no local em que aconteceu o fato.

⁹ Sonora é o momento que é dado fala para x entrevistadx.

também são frutos de uma norma que tenta conformá-las dentro de um padrão de aceitação de uma patologia. Logo, precisariam de um tratamento para ajustarem “corpo e alma”. Além disso, há o uso da própria linguagem da medicina para descrever a si – ainda que sejamos seres culturais. Na pergunta, Renata Ceribelli, se refere à transexuais com o artigo “os”. E, assim como no primeiro caso da cabeça da reportagem, aqui também não há respeito à identidade de gênero feminino das transexuais mostradas na reportagem.

Também é cabível questionar a maneira como foi composta a pergunta – já que é uma fala que classifica a subjetividade da pessoa entrevistada. Para além disso, existe uma zona de conforto da jornalista (mulher, heterossexual) em dizer que aquele outro corpo é “desequilibrado”. Além, é claro, do próprio julgamento heteronormativo – na medida em que a heterossexualidade é colocada como natural e a outra experiência sexual é colocada em outro campo. Por que não há o questionamento de como alguém se tornou heterossexual? Qual o motivo de tanta curiosidade em saber quando alguém se torna transexual?

A reportagem continua trazendo três exemplos de transexuais: Débora, Carla, Samanta. Quando apresentadas, a mesma linguagem anterior é empregada com as personagens: Mostram partes do seu corpo como mãos e olhos, além de close-ups nos rostos.

Percebemos que as partes que são recortadas pela imagem são zonas em que existem uma intervenção através de artifícios convencionalmente femininos – como esmalte, sombra de olho, batom, lápis. Apostando mais uma vez na própria dissonância entre a “imagem de mulher” e discurso jornalístico de que são transexuais.

A narrativa continua com o depoimento da empresária Samantha Padilha:

Sonora – Samantha Padilha: Com 5 ou 6 anos de idade eu imaginava que eu tinha nascido uma menina e como meu pai queria um menino, ele tinha mandado me operar, me colocar um órgão sexual masculino

O depoimento de Samantha nos remete a própria norma sexual que vem sendo construída desde a infância, através de artifícios que classificam e hierarquizam os sujeitos conforme a sexo que possuem. O imaginário sexual é construído reiteradamente desde quando nascemos, ao habitarmos um cenário repleto de códigos associados a masculinidade *ou* a feminilidade. Após essa sonora, a reportagem dá lugar de fala ao

psiquiatra Michel Chalub, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Enquanto o psiquiatra fala, são inseridas imagens do filme “Transamérica”¹⁰.

Sonora – Michel Chalub: Essa situação era considerada até recentemente como se fosse uma anomalia, um defeito, um erro da natureza ou da formação. Hoje em dia, nós compreendemos que não é bem isso. É um fenômeno que, por razões várias, houve um descompasso entre um corpo que a pessoa nasceu e a alma com que ela nasceu. Alma no sentido de sentimento, afeto, desejo, motivação.

O discurso do psiquiatra ameniza a vinculação da transexualidade com um erro, com a doença. Ele utiliza outros termos, mas continua afirmando que existe um problema médico a ser resolvido. Ao afirmar que há um “descompasso” também são ratificados discursos de um possível erro. É interessante notar que sempre é buscado pelos profissionais da medicina, e também pela jornalista, uma explicação cabível para uma pessoa se tornar transexual – quando na verdade o que deveria ser explicada é somente que a transexualidade é uma experiência sexual possível e que deve ser respeitada.

Além disso, há que problematizar o fato de um psiquiatra ser acionado para falar sobre o assunto. A psiquiatria é uma área da medicina responsável por tratar de pessoas sofrimentos e danos mentais e psíquicos – tendo como objetivo a manutenção do bem-estar do/a paciente atendido/a. Logo, o que pensamos imediatamente é que as pessoas às quais o profissional está falando necessitam passar por um processo de tratamento. Ocorre aqui, então, o que chamamos de “medicalização da transexualidade” – uma vinculação dessa experiência sexual com a questão médica, objetivando um tratamento “perfeito” de formação de mulheres trans heterossexuais.

Após isso, a repórter traz o depoimento da dona de casa Débora Filiposki que reivindica: “A gente tem o direito de buscar a nossa felicidade”. Em voz off, a jornalista afirma: “E ir em busca da felicidade significa batalhar por uma cirurgia para mudar o sexo.”. Ou seja, essa fala deixa claro que transexuais só seriam felizes se passarem pelo processo de mudança de sexo. O que é um equívoco. Como indaga Bento,

Se a vida social é feita de homens e mulheres com corpos sexualmente apropriados, então, como classificar as pessoas que têm o sentimento de pertencer ao gênero contrário ao que seu corpo lhes informa, mas que não querem fazer a cirurgia ou que relativizam sua importância? (BENTO, 2006, p. 157)

¹⁰ Filme lançado em 2005, dirigido por Duncan Tucker. Conta a história de Bree Osbourne – transexual de Los Angeles que está prestes a fazer os últimos processos de mudança de sexo. A história tem uma reviravolta quando aparece Toby, filho gerado quando Bree tinha práticas como homem heterossexual.

Ancorado nesse debate, trazemos novamente a inquietação: Quem seria transexual de verdade? Não é possível obter felicidade sem que seja feita a cirurgia? A partir dessa fala, o que é posto como felicidade é justamente o enquadramento dentro de uma norma sexual. É bom ressaltar que nem todas as pessoas vêem os processos cirúrgicos como o único caminho. Muitos homens e mulheres transexuais reivindicam apenas o tratamento hormonal e a mudança dos documentos. Ainda que uma pessoa transexual deseje fazer a cirurgia não quer dizer que ela a queira imediatamente. Mas, se a regra é que se produzam “novos heterossexuais”, apenas com a cirurgia é possível a efetivação e o reconhecimento enquanto humano.

A narrativa da reportagem segue trazendo exemplos de transexuais famosas no Brasil.

Off: Foi o que fez a transexual mais famosa do Brasil. Luiz Roberto Gambine Moreira já era conhecido como Roberta Close, quando se operou em 1989 na Inglaterra. No Brasil, o Conselho Federal de Medicina só autorizou esse tipo de cirurgia em 1998. [...] Edilson Magro se tornou a primeira pessoa a fazer essa operação legalmente no país. Virou Bianca Magro. [...]

Essa parte traz imagens de arquivo das pessoas citadas. As imagens de Roberta Close mostram uma pessoa sensual, com corpo curvilíneo e trajando vestidos curtos e decotados – sempre sorrindo e com posturas “sedutoras”. É encarnada uma imagem de super-feminilidade, até mais que muitas mulheres “bio”¹¹.

Já para falar sobre Bianca Magro, são utilizadas fotos 3 por 4 revelando todo o processo de transformação corporal. Nesse momento, percebemos a utilização de um recurso que apela para a memória de quem assiste – através de informações que o próprio *Fantástico* trouxe anos atrás. Isso nos remete a aquilo que Hohlfeldt (2001) apontou como “efeito de enciclopédia” – termo pensado por Maxwell McCombs. Diz respeito a uma série de informações que guardamos de maneira consciente ou não.

A narrativa jornalística tem prosseguimento com a voz *off* informando sobre os números das cirurgias no Brasil.

¹¹ Na medida em que tecnologias médicas são utilizadas para a construção de corpos que fogem às regras naturalizadas, surge “una nueva distinción ontológico-sexual entre los hombres y mujeres ‘bio’, aquellos que conservan el género que les fue asignado en el momento del nacimiento, y los hombres y las mujeres ‘trans’ o ‘tecno’, aquellos que apelarán a las tecnologías hormonales, quirúrgicas y/o legales para modificar esa asignación. (PRECIADO, 2008, p. 85)”. Contudo, Preciado chama a atenção para o fato de que tanto “bios” quanto “trans” são produzidos tecnicamente. Somos homens e mulheres de laboratório. A diferença entre os dois está pautada na resistência à norma, na consciência dos investimentos da tecnologia farmacopornográfica na conformação da masculinidade e feminilidade.

Off: Em 2008, mais uma boa notícia. A operação passa a ser feita pelo SUS em quatro hospitais. Nos últimos três anos, 230 pessoas mudaram o sexo no país. E 173 estão na fila de espera.

A ressalva sobre o programa vem logo depois, com a fala do psiquiatra.

Sonora – Michel Chalub: Não é simplesmente eu quero mudar de sexo e acabou. Tem que ser acompanhado então normalmente durante no mínimo dois anos por um psiquiatra

Sonora – Carla Amaral: A partir desse processo eles te mostram todas as vantagens e desvantagens de fazer a cirurgia. Que o mundo não vai mudar a partir do momento que você fizer a cirurgia, vai mudar você.

Sonora – Samantha Padilha: Foram 12 horas de cirurgia, quando acordei o médico falou: “Seja bem-vinda Samantha. Você é mais uma mulher no mundo”.

Sonora – Débora Filiposki: A mudança de sexo é isso, você quer unir o seu espírito ao seu corpo. E isso aconteceu.

As quatro sonoras, que vêm em sequência, fazem referência ao processo de reconhecimento da medicina sobre a possibilidade das pessoas serem “transexuais de verdade ou não”. No depoimento de Michel Chalub, fica claro que é importante o diagnóstico para que ocorra o processo de transformação. Ter acompanhamento psiquiátrico por dois anos é ter que provar a todo o momento que aquele corpo tem a possibilidade de exercer a feminilidade heterossexual (no caso das transexuais femininas). Nesse sentido, só é através da palavra da medicina que vai haver o reconhecimento sobre aquela pessoa que quer fazer a resignação sexual.

Os padrões de masculinidade e feminilidade construídos socialmente refletem-se nas definições do que seja um/a transexual de verdade. É nesse sentido que esta experiência põe em funcionamento os valores que estruturam os gêneros na sociedade. São estas concepções que orientam os médicos e os profissionais da saúde quando se aproximam das/os transexuais. Se a sociedade afirma que o normal é a heterossexualidade, quando se afirma “sou mulher/homem”, é como se a heterossexualidade estivesse sendo evocada como um dado natural, que determina a coerência e a existência dos corpos sexuados. As cirurgias seriam, então, para possibilitar-lhes exercer a heterossexualidade. (BENTO, 2006, p. 156)

No depoimento de Samantha Padilha, fica claro qual é o discurso médico imperante: Mulher é aquela que tem vagina e que tem o corpo saudável para ter uma performance de gênero feminina. Ou seja, a parte (vagina) é tomada como o todo (corpo).

A partir daí, a reportagem toma um outro rumo e traz os desafios de conseguir mudar os documentos civis:

Off: Depois da cirurgia vem uma nova batalha: a mudança definitiva do nome nos documentos. Samantha, apesar de já ser operada há 11 anos, ainda não conseguiu mudar os documentos. E ela sofre constrangimento por causa da filha.

Sonora – Samantha Padilha: Quando eu vou matricular a minha filha em um colégio, é constrangedor. Eu apresento o documento, e eles perguntam: “Giovane quem é, é o pai? Não, sou eu mesma”.

Sonora – Heloisa Helena Barboza – Professora de Direito: Está a critério do juiz, o que pode ser muito danoso para os transexuais que se submetem ao procedimento médico e depois não conseguem regularizar sua situação civil, a carteira de identidade, CPF, etc.

Esta parte seria o momento ideal para problematizar sobre a situação civil de transexuais, mas, a repórter não faz. Ainda que a chamada para essa reportagem no Portal de notícias da Rede Globo, G1, seja “Transexuais lutam para conseguir mudar de nome nos documentos”, pouco se discute sobre isso. Definitivamente, o objetivo maior da reportagem foi o de sanar parte da curiosidade em torno da experiência transexual, do que discutir com profundidade as formas de vida dessas pessoas. Um indício disso é a recorrência sempre à imagem de gênero anterior à atual. Sempre através de imagens antigas, como a de documentos.

Um histórico sobre pessoas transexuais foi trazido após falarem sobre esse último assunto. São trazidas imagens dessas pessoas desempenhando suas profissões.

Off: A primeira cirurgia para mudar o sexo foi feita na Alemanha nos anos 1930. De lá pra cá, o mundo já ganhou uma prefeita transexual na Nova Zelândia, uma vice-presidente de banco nos Estados Unidos e um neurocientista americano que nasceu mulher.

Só agora, no final da reportagem, é mostrado um transexual masculino. E ainda assim somente em nível de citação. Especificamente, a referência a Bem Barnes dura 3 segundos. Isso reforça ainda mais o modelo de transexualidade proposto por essa narrativa jornalística: Mulheres, transexuais, ligadas a papéis convencionalmente femininos.

Os exemplos de transexuais continuam mostrando a cantora Kim Pêtras, de 19 anos, que se operou aos 16. Logo depois, a reportagem volta com uma das pessoas entrevistadas.

Sonora – Débora Filiposki: Eu não pretendo ser aceita. Eu pretendo ser respeitada. [...] O que mais me marcou foi no meu processo de

retificação dos documentos, que o juiz que autorizou escreveu assim: “o fato de não possuir órgãos reprodutores internos não lhe retira a possibilidade de obter a retificação pretendida, pois, existem inúmeras mulheres que não podem engravidar, e nem por isso deixam de ser mulheres.

É possível estabelecer uma relação aqui com o discurso médico e o discurso jurídico. Ambas as instituições reforçam a ideia não só de “transexual de verdade”, mas também a ideia de “mulher de verdade”. E aqui dá brecha para indagar o que seria mulher de verdade. Quais aparatos são necessários para definir a feminilidade de alguém? Para a norma, ter curvas definidas, peito fartos, bunda protuberante, poder engravidar, usar maquiagem, serem sedutora, belas e terem vagina são pré-requisitos para dizer se é ou não é uma “mulher de verdade”.

Ao final, são inseridas imagens com detalhes dos corpos das transexuais – revelando mais uma vez artefatos convencionalmente associados às mulheres -, além de imagens com elas sorrindo, como se não enfrentassem sérias regulações por serem mulheres trans e tivessem finais felizes.

“Não vejo lado bom em ser transexual”, diz a top model Lea T¹²

A entrevista com a modelo Lea T foi publicada no dia 20 de fevereiro de 2011. A entrevistadora foi a jornalista Renata Ceribelli - também responsável pela reportagem anteriormente analisada.

Cabeça – Zeca Camargo e Patrícia Poeta: Uma brasileira está abalando - e bota abalo nisso - o mundo da moda: Lea T. Transexual, ela seguiu um caminho no mínimo diferente até as passarelas. Ela contou a sua história para Renata Ceribelli em uma entrevista bem corajosa.

Off: Para o mundo, ela é Lea T, a brasileira que está entre as 50 maiores modelos da atualidades e que vem fazendo barulho com fotos provocantes. Para o Brasil, ela é mais que isso. É a mineira, filha de um dos grandes nomes do futebol brasileiro: Toninho Cerezo.

A introdução da entrevista é feita com uma música eletrônica animada como fundo, mostrando fotos da modelo em capas de revista da Europa e em famosos desfiles com roupas de grife. Para completar, Ceribelli vincula Lea T ao pai, Toninho Cerezo. A

¹² <http://www.youtube.com/watch?v=JTDOIS6J8Fs>

mesma estratégia de mostrar imagens de arquivo é utilizada na introdução da entrevista. Foram publicadas imagens do jogador competindo pela Seleção Brasileira de Futebol.

Renata Ceribelli: Apresenta sua família [mostrando uma foto antiga da família de Lea T reunida]

Lea T: Esse é meu irmão mais velho, o Gustavo, Luana, Lorena – são duas gêmeas. E esse era eu. Sou eu. [Fala apontando e rindo no final]

Identificamos aqui que a reportagem foi publicada por obedecer aos critérios de curiosidade, celebridade e vida privada. Mais uma vez, o filão do discurso tem íntima relação com a transexualidade. Apesar de ser apresentada como modelo, pouco se fala no decorrer da entrevista sobre sua profissão.

Off: Lea era Leandro, um menino. [Foco na foto da família em preto e branco]

Renata Ceribelli: Um menino... Um molequinho que se sentia como, nessa infância?

Lea T: Eu me sentia um menino.

Renata Ceribelli: Você gostava de jogar bola...

Lea T: Não. Não era tanto. Mas, me sentia um menino. Hoje, lembrando, já dava para entender algumas coisas. Eu adorava pôr camiseta na cabeça para fingir que tinha cabelo comprido. Eu mexia nas roupas da minha mãe, mexia nas bonecas das minhas irmãs.

Renata Ceribelli: Você era afeminado?

Lea: Eu não percebia. É uma coisa que você não percebe. Vem natural. Mas eu percebia que às vezes, sei lá, as coleguinhas falavam alguma coisa. De repente o meu pai falava: esse garoto está muito afeminado.

Renata Ceribelli: Bravo?

Lea T: Não. Ele nunca falou isso bravo. É filho, é homem, tem que se comportar como homem.

Nessa primeira parte da entrevista podemos levantar algumas questões para debate. A primeira resposta de Lea T para Ceribelli é interessante para percebermos como se dá o processo de construção da experiência sexual. Ao contrário das transexuais da reportagem anterior, Lea se reconhece como um menino na infância e não recorre à ideia de ter um distúrbio.

A jornalista questiona sobre se quando se sentia menino jogava bola e, logo depois, se era afeminado. Ou seja, existe uma vinculação estrita da masculinidade com

códigos convencionados – como futebol e brutalidade. Além disso, há uma insistência no binarismo masculino x feminino, menino x menina – em que é estabelecida uma hierarquização e uma expectativa em torno das atitudes que cada um desses polos deve desempenhar. Mais uma vez recai aqui o lugar de fala da jornalista como uma mulher heterossexual e normativa que tenta enquadrar as identidades masculinas e femininas dentro de certos requisitos heteronormativos¹³. A entrevista continua:

Renata Ceribelli: Você namorava menina ou menino?

Lea T: Eu não namorava. Por que? Pelo fato de que ir com homem, para mim, era ir com gay. Mas eu não me sentia gay. Porque a transexual tem a cabeça de uma mulher, então ela não quer ir com um homossexual. Ela se vê uma mulher.

Renata Ceribelli: Ela quer ir com um homem?

Lea T: Ela quer ir com um homem para ela conseguir se sentir mulher.

Renata Ceribelli: Depois adolescência, para a sua família você era gay. Homossexual.

Lea: Gay. Eles me viam como gay.

Off: Lea, que ainda era Leandro, foi ficando cada vez mais feminina.

Lea T: Três, quatro anos atrás eu já me vestia de mulher, me montava. Aí eu era um travesti. Ou seja, travesti é um homem que se veste de mulher.

Essa parte da entrevista é importante por em pauta o desejo sexual (ou a ausência dele). Na maioria das vezes, essa questão é esquecida em detrimento da curiosidade acerca da cirurgia ou em outras questões. Apesar disso, há uma clara hierarquização entre homens gays e homens heterossexuais (aqui encarnado apenas com a expressão “homem”). Estabelecendo outro binarismo e apostando na ideia de que também existem “homens de verdade” – a partir do momento que tem desejo e o efetiva com mulheres.

Além disso, existe aí outra hierarquização no discurso de Lea T: travestis versus transexuais. Isso ocorre na medida em que não é legitimado o reconhecimento de uma pessoa trans que não deseja fazer a cirurgia e ainda assim reivindica a subjetividade transexual.

A travestilidade está posta em outro campo. Larissa Pelúcio (2005) afirma que ser

¹³ A heteronormatividade é baseada nas expectativas e obrigações sociais advindas da ideia de que a heterossexualidade é natural, logo, o *fundamento da sociedade* (MISKOLCI, 2007). Já que obedece a uma lógica de regulação e controle, a heteronormatividade se estende até mesmo para indivíduos que não são heterossexuais.

travesti é algo que não tem fim, é um processo continuado. A teórica ressalta que existem algumas etapas que perpassam a formação do corpo e da identidade travesti. A primeira é quando o gay assume sua não-heterossexualidade para a família. A fase seguinte é quando começa a "montar-se"; depois num terceiro momento é a "transformação" - nesse período há nuances que podem ir desde a depilação e a vestir-se mais constantemente como mulher, até a ingestão de hormônios. Por fim, a quarta etapa, quando já se é travesti, que além de tomar hormônios e a todo o momento estar vestida com roupas femininas, pretende injetar silicone nos seios e nas nádegas. Pelúcio pondera, contudo, que são poucas as que conseguem essa transformação de forma tão apurada.

A hierarquização entre transexuais e travestis se daria justamente pelo fato de que as segundas não desejam fazer a cirurgia e vivem bem com o seu pênis. Ou seja, não seria “mulheres de verdade” por ter “algo a mais” e por seu sexo não estar em consonância com o seu gênero. Embora ocorra isso, é necessário que se discuta melhor a questão da travestilidade e da própria condição a qual essas pessoas estão submetidas.¹⁴

A entrevista continua falando sobre o processo de transformação de Lea T.

Off: Ela foi procurar um psiquiatra para entender melhor a sua sexualidade. Foi quando recebeu o diagnóstico de transexual: um distúrbio de sexualidade. No caso, uma mulher em um corpo de homem. Para corrigir isso, existe a cirurgia de troca de sexo.

Lea T: Eu fui na terapia e eles falaram: você tem

Renata Ceribelli: Esse distúrbio!

Lea T: Então, vai se tratar, né?!

Renata Ceribelli: Você quer fazer a cirurgia?

Lea T: Sim.

Renata Ceribelli: Como você contou para a sua família?

Lea: Foi muito difícil. Eu reuni todo mundo e falei: houve uma mudança no meu corpo e em mim. A primeira reação foi choro para mim, para minha mãe e minhas irmãs. Foi duro. Minha mãe ligou para o meu pai e ele ficou super tranquilo. Ele até mudou muito o jeito de me tratar. Ele era mais frio com algumas coisas, talvez porque ele ainda me tratava como homem. Ele ficou mais dócil, dizia: lembre sempre que papai te ama. Quando eu falava um nome feio, ele dizia: mulher não fala assim. (risos) Ele falava isso sério, querendo me ensinar! Ele meio que preocupado com essas coisas. É fofo.

¹⁴ Ver PELÚCIO, 2009. BENEDETTI, 2005. DUQUE, 2011.

Esse exemplo traz novamente o espectro da patologização da transexualidade. A procura de um psiquiatra e o consequente diagnóstico classifica aquele corpo como trans. E é Renata Ceribelli que propõe uma resolução para esse “problema”: “Para corrigir isso, existe a cirurgia de troca de sexo”. Então, a jornalista traça uma linha coerente para o processo de se tornar transexual que começa no diagnóstico e que tem como destino inexorável a cirurgia. A lógica obedece a um processo para a formação de um corpo inteligível. A jornalista reproduz os mesmos discursos biologizantes propagados pela medicina.

Outro ponto que destacamos aqui é a intervenção de Renata Ceribelli na fala de Lea T. Ela projeta o corpo para frente e fala “esse distúrbio!”. Causando uma consonância entre a informação que ela trouxe anteriormente na voz off com o relato da entrevista. Lea T não responde, quem faz o diagnóstico é a própria Renata Ceribelli – em corpo e em fala.

Outro fator que lançamos olhar é a revelação de Lea T sobre o comportamento do pai, depois da sua mudança de gênero. “Ele era mais frio com algumas coisas, talvez porque ele ainda me tratava como homem”. Existem, de fato, formas de conduta conforme os papéis de gênero assumidos. Há aí um reforço da heteronormatividade, na medida em que existe a antiga vinculação da feminilidade com fragilidade, educação, docilidade. Além da própria vontade de que seja garantida uma performance de gênero condizente com a feminidade e sem ambiguidades.

Miskolci (2003, p. 109) contribui para esse debate quando traz a noção de que “a normalidade tem uma história” e que ela é resultado de discursos e práticas sociais já convencionadas. Ou seja, códigos são recitados para a garantia da inteligibilidade dos corpos. Nesse caso, para que Lea T obedeça a um padrão mulher feminina, doce e educada.

Depois de uma breve fala sobre as mudanças corporais após do tratamento hormonal, a conversa muda de foco e trata agora sobre a relação da sexualidade com o trabalho.

Off: Mas, o mais difícil ainda é o preconceito.

Lea T: Você não vê transexual trabalhando num hotel, num banco, em nenhum lugar. Você vê transexual só na rua se prostituindo. Então, para mim, pensar que o meu final ia ter que ser como o delas era muito duro.

Off: Foi quando pediu ajuda para o estilista Ricardo Tisci, um amigo de muitos anos.

Lea T: Liguei para ele, estava desesperada. Ai o Ricardo, ele me falou: Fica calma, não se preocupa, daqui a cinco dias eu te ligo. Eu vou arrumar um emprego para você.

Esse relato de Lea T é interessante por problematizar o local que está sendo ocupado por pessoas transexuais. É um importante passo para, de fato, problematizar a situação social dos/as trans. Apesar disso, existe aí uma classificação do que seria um trabalho “digno” e do que não seria – um julgamento moral que coloca a prostituição no âmbito da criminalidade e da perversão.

Off: Lea foi lançada como modelo de uma das marcas mais importantes da moda. Foi ao programa de uma das principais entrevistadoras da TV americana [Oprah]. Ousou ao posar para uma foto nua e revelando sua dupla sexualidade. Também para essa outra com a modelo Kate Moss.

Lea T: Foi uma forma de protesto. Eu quero falar que nós existimos. Porque nós temos um problema, nós vivemos com remédio. Nós amputamos o nosso corpo. É uma coisa muito forte.

Renata Ceribelli: Existe algum lado bom em ser transexual?

Lea T: Não. Eu não vejo. Eu sou penalizada em tudo. Não é uma coisa gostosa. Você tem que levar para o lado do transexualismo em si: remédio, terapias, operações e preconceito. Mas, também tenho a parte da minha vida sem pensar nisso, os momentos de felicidade.

Off: Momentos de felicidade como cada vez que é fotografada, como nesse ensaio para a revista do São Paulo Fashion Week, ou cada vez que é aplaudida em uma passarela. A sensação é de vitória. Não só dela, mas de todos que têm uma história parecida.

Esse momento é uma das mais relevantes partes da entrevista com Lea T. Primeiro, pela atitude provocativa dela como modelo e pela divulgação de uma foto em que aparece nua no programa (ainda que desfocadas na região dos seios e da genitália). Segundo, por assumir uma posição de reafirmação da sua condição como transexual - e não como “mulher”. Terceiro, pela problematização quanto à situação de assujeitamento à tecnologia (através dos hormônios e cirurgias).

Lea T acentua que as fotos que fez nua e com a modelo Kate Moss visavam a visibilização da sua experiência enquanto transexual. Esse é um passo interessante

porque, apesar de se construir mulher, Lea ressalta a situação social das pessoas trans. Renata Ceribelli coloca a foto como “dupla sexualidade”. Acreditamos que não se trata especificamente disso, mas sim, que Lea é um exemplo de alguém que se afirma enquanto transexual mesmo sem ter feito a cirurgia. E a reafirmação de que não tem medo de exhibir isso. Nesse ponto, há uma politização do abjeto. Apesar de ter a sua história explorada pelo programa, a modelo usa do espaço que tem para reivindicar o estado da sua subjetividade. Vale ressaltar que uma das condições colocadas por Lea T para iniciar na carreira de modelo era que fosse revelada que ela era uma transexual.

Quando questionada sobre o lado bom em ser transexual, Lea acentua o caráter normativo a qual o seu corpo está submetido. E isso é um fator interessante para pensarmos no próprio regime que normatiza o corpo transexual. Quando questionada sobre o lado bom em ser transexual, Lea acentua o caráter normativo ao qual o seu corpo está submetido. E isso é um fator interessante para pensarmos no próprio regime que normatiza o corpo transexual. Apesar dessa incidência, Lea T se posiciona na sua fala como alguém que tem felicidade. Contudo, identificamos que a felicidade – conforme descrita na reportagem – é está sendo valorizada e aceita na frente dos flash, nas passarelas.

Apesar de todo esse aspecto positivo, ainda existe uma vinculação ao mundo do glamour, da mídia e do sucesso. A discussão é posta em pauta, mas, o debate não avança. As histórias exibidas na entrevista de Lea T e da reportagem anterior não problematizam a fundo a maneira como transexuais vivem no Brasil. Nas reportagens, não são mostradas ainda pessoas que estão no tortuoso processo de “diagnóstico” da transexualidade (por meio dos dois anos de acompanhamento de uma equipe médica), por exemplo. Sem contar na invisibilidade dos homens transexuais – que só são citados uma vez durante a primeira reportagem.

Com fins de estabelecer obter uma perspectiva comparativa com a abordagem da transexualidade quando o assunto começou a ser discutido maciçamente, analisaremos agora uma entrevista com Roberta Close - publicada no ano de 1998 no *Fantástico*. Houveram transformações na abordagem? Quais assuntos são tratados? A experiência transexual é humanizada?

Roberta Close no Fantástico¹⁵

Cabeça – Agora, ela abre o verbo sobre o que ele tem de diferente. Ela e ele nesse caso são a mesma pessoa. Com um só nome: Roberta Close. O mais famoso transexual brasileiro antecipa agora para Glória Maria algumas revelações de um livro de memórias que vai dá o que falar.

Já na chamada temos noção de como será o decorrer da conversa, protagonizada por Roberta Close e que teve como entrevistadora Glória Maria. A dicotomia entre masculino x feminino, ela x ele permanece por toda a entrevista. Como já esboçamos na análise da outra reportagem, há uma reiteração desse binarismo. É interessante pensarmos que nunca é validada a experiência do trânsito. Sempre a mulher transexual citada é colocada dentro no masculino (quando era criança e ainda não tinha feito a cirurgia) *ou* no feminino (quando o processo cirúrgico já foi feito ou está perto). Além disso, o tratamento dado a uma mulher trans é feito no masculino (“O mais famoso transexual do Brasil”). Isso é problemático, na medida em que não respeita a identidade de gênero da pessoa citada – ainda que a reportagem seja de 1989. Também ocorre isso na primeira reportagem analisada aqui. Então, houve uma reincidência dessa nomeação nas reportagens mais atuais.

Off: Está escrito na carteira de identidade. Nome: Luis Roberto Gambine. Idade: 34 anos. Sexo: Masculino. É. Mas, na vida real, essa pessoa não existe. Nesse lugar, surge um personagem.

Sonora – transeunte: É a Roberta Close? Brincadeira, né?! Porra! Muito linda, né?! Vai entender a natureza, não é?

Nesse trecho fica claro o lugar de abjeto em que Roberta Close é posta – ainda que “valorizada” pela sua feminilidade e sensualidade com o comentário de um transeunte. Ou seja, o humano - reconhecido pela sociedade civil como homem - dá lugar a “um personagem”, que não possui legitimidade por sua identidade não ser atestada nos documentos oficiais.

Passagem: A Roberta Close fez uma operação. Não é mais homem. Agora ela é mulher. Casou... Só que aqui no Brasil, ela não conseguiu ainda a coisa mais simples, quer dizer, mudar na identidade aquela coisa básica na identidade. Em vez de ser Roberto, ser Roberta e sexo em vez de ser masculino, feminino. A partir de que momento você olhou e disse, eu tenho corpo de homem, eu pareço um homem, a minha cabeça é de homem, mas, eu quero ser mulher. Por que isso?

¹⁵ http://www.youtube.com/watch?v=x906JnprH_Q

Roberta Close: Olha. Eu acho que eu sou um dos poucos casos que existe. Por que de 3 mil pessoas, uma pessoa nasce uma hermafrodita ou nasce um verdadeiro transexual primário. E qual é a minha identidade? Minha identidade é aquela mesmo de mulher, que eu sempre quis. Essa é a mulher que tem dentro de mim.

Glória Maria: Você disse que foi uma hermafrodita, você tinha os dois sexos. Em nenhum momento você sentiu o sexo masculino mais forte em você?

Roberta Close: Não. De maneira alguma. Por isso que eu cheguei até a cirurgia. Porque eu não estava perfeita, eu podia me aceitar naquela situação, mas, aquela situação era insustentável.

Off: Ser mulher. Um sonho de Roberta desde a infância.

Roberta Close: Eu nem sei como eu consegui aguentar. E eu muito nova conseguia organizar isso na minha vida.

Neste momento, é interessante que façamos um resgate conceitual sobre o chamado “hermafroditismo” ou, como utilizaremos aqui “intersexo”. Jorge Leite Junior (2008) traz essa discussão para pensar como as categorias “travesti” e “transexual” foram engendradas no discurso científico. Conforme o autor, ancorado nas postulações de Foucault, é no século XIX que começa a intensificação de classificações identitárias conhecidas, como os perversos sexuais, as históricas e os pseudo-hermafroditas. Esse período é marcado pelo nascimento da ciência sexual e da “sexualidade”.

Dois pilares nortearam o processo de classificação dessas identidades – a base médico-cirúrgica e as ciências da psique.

Aqui se intensifica a separação corpo/mente e enquanto, de um lado, surge o novo pseudo-hermafrodita, tendo sua origem e distinção no fisiologismo, do outro surge o curioso conceito de “hermafrodita psíquico” com uma série de vertentes e variantes (LEITE JUNIOR, 2008, p. 56).

Conforme o autor, para muitos profissionais da área de medicina, as chamadas “inversões sexuais psíquicas” eram apenas mais uma forma de manifestação de hermafroditismo biológico. Nesse campo de debate que separa corpo e psiqué, nasce a ideia de “inversão”, que dá origem a diversas identidades “homossexuais, bissexuais, gays, lésbicas, travestis, transexuais, crossdressers, intersexos e toda uma futura explosão político-identitária.” (LEITE JUNIOR, 2008, p.56)

É nesse contexto que o conceito das identidades será desenvolvido e hierarquizado – no sentido de naturalizar a heterossexualidade e patologizar outras

experiências. Além da busca incessante pelo “verdadeiro sexo”, com fins de classificar os indivíduos conforme seu dado sexual. É justamente por essa busca que vão surgir ideais de adequação. Ou é homem ou é mulher – a partir da premissa de que o sexo é reprodutivo e que por isso deve ser tirada toda e qualquer ambiguidade.

Voltando para o nosso lócus, o relato de Roberta Close nasceu intersexo, com um pênis diminuto e sem testículos. Como o seu sistema endocrinológico estava desenvolvendo maiores hormônios masculinos, a intervenção cirúrgica teve outro objetivo – foi para a construção de um corpo feminino e para ocorrer a vaginoplastia.

A fala de Glória Maria também data a cirurgia como um processo que torna aquele corpo feminino. Pelo discurso da jornalista, é através da retirada do pênis que o corpo da mulher se efetiva. “A Roberta Close fez uma operação. Não é mais homem. Agora ela é mulher”. Além, é claro, da vinculação do sexo com a identidade de gênero, o desejo e a prática sexual como se fosse uma linha fixa e coerente. Esse é o motor principal para a heteronormatividade: a garantia da fixidez entre “sexo” e performance de gênero/sexual.

Off: A beleza abriu as portas do sucesso. Tudo na vida da Roberta Close é diferente. Em 1984, quando ainda não havia feito a cirurgia que a transformou em mulher, foi eleita por uma revista masculina símbolo sexual do Brasil. Foi um escândalo.

Roberta Close: O meu sucesso veio através da minha feminilidade. Eu ser tão feminina. Então, é isso que mostra a diferença, não é isso?

Off: Não tem dúvida. A imagem é realmente feminina. Só que pra ser mulher, era preciso muito mais.

Roberta Close está a todo o momento vinculada à sua sensualidade e a sua feminilidade exacerbada. Desde o início da reportagem são exploradas imagens do corpo, trajando vestidos colados ao corpo e decotados. Os enquadramentos exibem detalhes do rosto, da região dos seios e das nádegas. O corpo de Roberta é como uma espécie de trunfo para ela e para a exploração da linguagem televisiva. Alguns trechos da entrevista exibem imagens da atriz recebendo prêmios e sendo ovacionada pelo público. Além de ouvir comentários elogiosos de transeuntes pelos lugares em que passa.

A entrevista segue tratando sobre o momento de determinação sobre o processo cirúrgico.

Glória Maria: Como é que foi essa sua decisão?

Roberta Close: Era uma situação de muito desespero, de muito medo, muito choro, chorar sozinha, eu estava sozinha não tinha ninguém, eu estava num país estranho.

Glória Maria: Foi uma decisão complicada? Quer dizer, você sabia o que você tinha que passar, como seria essa operação? Fisicamente, você teve medo?

Roberta Close: Ah, claro! Porque quando você vai, você não sabe. Por mais garantias que você tem do médico, ele te passa segurança, mas, você tem medo que alguma coisa não dê certo. Existem riscos, né?! E complicações. E se complicar e se desse errado?

Off: A cirurgia foi há quase 10 anos e muita coisa mudou. Roberta foi morar na Europa e há cinco anos está casada com um empresário suíço. É. Mas, o verão para ela é aqui no Brasil. E por onde passa é assim...

Sonora – mulher transeunte: Ela é uma super-mulher!

Assim como Lea T, Roberta Close destacou ao processo de que a intervenção tecnológica pode trazer perigo. Mas, esse discurso é logo rebatido através do processo de valorização corporal. A questão não é problematizada e mais uma vez a feminilidade e a beleza de Roberta Close são sobrepostos a qualquer outra questão. É como se existisse uma receita para ser uma mulher transexual feliz: fazer cirurgia, ser fotografa, ter difusão na mídia e, acima de tudo, ser aplaudida. Acontece uma glamourização da transexualidade em detrimento de um debate politizado da causa. As histórias narradas durante a entrevista trazem um discurso de que a aparência e a performance é o que interessa, todo o restante é problema do indivíduo que vive a experiência transexual.

Além disso, percebemos que mais uma vez, a entrevista é publicada por obedecer a requisitos de curiosidade, celebridade e vida privada. O lançamento do livro - que foi a chamada inicial da entrevista e que seria o assunto principal - fica em segundo plano. Ainda que seja comentado, como no trecho abaixo.

Off: É claro que uma história assim, tinha que terminar em livro. [mostra imagem de Roberta Close andando e sendo aplaudida no calçadão de Ipanema]. O livro está quase pronto e vai ser lançado em abril, Roberta Close tem é história para contar... Ela despertou paixões, viveu grandes amores e esteve sempre sob o brilho do sucesso.

Bem como a entrevista, o livro teria como filão principal revelações sobre casos amorosos e histórias de vida de Roberta Close. Todo esse contexto pautado no título de “*sex simbol*” brasileiro. Sobre esse último fator, analisamos como uma via de mão dupla. Na medida em que existe uma exaltação de um corpo que a priori é abjeto. Contudo, em contrapartida, esse corpo também reforça normas sexuais e de gênero

hegemônicas – encarnando a ideia de “mulher de verdade”, logo, sensível, doce, educada, delicada e dedicada aos homens (sexualmente ou familiarmente). A entrevista continua:

Glória Maria: Roberta, você está se sentindo bem agora, você está bem com você, está se sentindo em paz? Tá feliz?

Roberta Close: Sim. Bem mais feliz, bem mais segura. Quando se tem um ideal, quando se tem um sonho, quando você tem uma vontade, uma realidade muito grande, você consegue mudar. E isso que eu quero passar no meu livro, um incentivo, uma mostra de força de vontade. Porque você pode nascer de tudo e você conseguir. Porque dentro de tua cabeça você tem toda a sua força. É só você encontrar com ela. Para você poder dar a volta na situação e virar o jogo.

Glória Maria: Quem é você?

Roberta Close: Eu acho que eu sou, não sou uma pessoa que veio de outro planeta, eu sou desse planeta aqui, Terra. E que chora, que ri, que tem momentos tristes e felizes. E que tenta ser feliz à minha maneira.

Notamos na afirmação de Roberta Close uma tentativa de conformidade com a norma. Ou seja, afirmar-se enquanto mulher super-sensibilizada e feminina para sofrer menos regulações. Ainda assim, percebemos que existe um discurso de tentativa de humanizar-se, ao falar sobre emoções e sobre rede de relações sociais (ainda que sejam apenas com homens).

Para fechar

A forma como a transexualidade é representada no *Fantástico* é insatisfatória - ainda que dê visibilidade a essas histórias de vidas. É perceptível a vinculação dessa experiência sexual com a biologia e com a medicina. Acreditamos, portanto, que essas personagens são colocadas no campo do exótico e que o tratamento dado a elas é abjeto, já que não humaniza o corpo das pessoas citadas e as reduz à experiência de fazer a cirurgia de mudança de sexo. Logo, ocorre o que chamamos aqui de medicalização/biologização da transexualidade.

A partir dos resultados das análises individuais, acreditamos que a entrevista de Lea T foi a publicação que mais ajudou no debate da condição de pessoas transexuais no Brasil. Isso porque ocorreu um processo de discussão de temas mais invisibilizados – como a própria prática sexual e o desejo de pessoas transexuais. Na primeira

reportagem, as pessoas citadas são reduzidas à experiência de suas cirurgias e do processo de mudança de sexo.

Além disso, houve uma timidez normativa em abordar a transexualidade para além do polo *male to female*. Os homens trans não tiveram espaço nessas publicações e não vem tendo em outros espaços midiáticos e sociais.

Outra problemática que é suscitada pelas análises são as indagações acerca dos papéis de construção de gênero feminino. O que é ser mulher? O que é a feminilidade? E por que a mídia valoriza isso? O que as publicações exibem fortemente é a valorização da uma feminilidade entendida como beleza, mostrada através do corpo: seios, bunda, mãos, unhas pintadas, cabelos longos, boca sensual, roupas, enfeites, sedução; bem como uma mulher que tem seu corpo para desejo masculino e como alguém com uma perspectiva monogâmica, familiar e dona de casa (como exemplo mostrado na primeira reportagem aqui analisada).

Um outro campo de debate que podemos estabelecer é sobre o apelo à memória dessas pessoas. O relato das transexuais evoca uma infância marcada pelo incômodo com as roupas que eram postas a usar. Só que, como Berenice Bento lembra, prudentemente,

[...] a memória não pode ser compreendida como um arquivo de imagens que é posto em movimento em suas narrativas. Relembrar é um ato interpretativo, no qual o sujeito atualiza uma leitura sobre o passado e as lembranças são matizadas pelas condições do presente. (BENTO, 2006, p. 167)

Quer dizer, aquilo que é posto em jogo como uma memória do passado possui uma vinculação estratégica com o presente – na medida em que os acontecimentos antigos soam convenientes com o contexto atual daquela pessoa. Como se os fatos antigos justificassem estritamente o resultado presente. De tal modo, a memória está condicionada aos espaços ocupados pela pessoa no momento em que ela é evocada. (BENTO, 2006).

Vemos no discurso jornalístico das publicações uma propagação da heteronormatividade - que vincula o “sexo” a uma gama de expectativas sociais e de papéis de gênero que devem ser assumidos pelas transexuais. Apesar disso, avaliamos que as dinâmicas sociais estão transformando e sendo transformadas pelos meios de comunicação. Um indício é a publicação de duas reportagens sobre transexuais em um

mês do programa, entre o fim de janeiro e o fim de fevereiro de 2011. De tal modo, com o empoderamento político e manifestações inquietantes da situação social de não-heterossexuais, acreditamos que gradualmente o espaço na mídia será conquistado.

Mas, essa luta não está vinculada somente a espaço nos meios de comunicação, mas também às formas de representação que estão sendo publicadas. “A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos” (WOODWARD, 2009, p. 17). Dessa maneira, significados produzidos pelas representações dão sentido àquilo que somos, porque vemos no que é mostrado uma imagem do que *somos* e do que *não somos*. Assim os sistemas simbólicos tornam possível o que podemos nos tornar. Diante desses fatores, a televisão também é uma forma de divulgação de possíveis sexualidades. Mas, há que se observar como essas sexualidades são mostradas e quais ideais e expectativas estão embutidos nelas.

Outra conclusão que chegamos a partir do material analisado é que as publicações sobre as transexuais têm como principais fatores de noticiabilidade a curiosidade, a vida privada e a celebridade. O assunto nunca foi pautado como uma forma de discussão de um tema social. Ou melhor, ainda que a proposta seja a de discutir o tema, ela não foi executada dessa maneira – como na primeira reportagem analisada em que a apresentação da matéria interroga “Afinal, como vivem os transexuais?”, mas, que não acaba respondendo a indagação.

Para finalizar, ressaltamos a necessidade de que o debate acerca da tecnologia seja feito de forma mais franca e séria. Para Beatriz Preciado (2008), o gênero não nasce da crítica do pensamento feminista. Ele foi engendrado em laboratórios de farmacopornografias no desenrolar da tecnologia da Guerra Fria.

De tal modo, não temos mais como falar em gênero puro, mas sim em “tecnologias de gênero”. Tecnologias essas que programam, datam, codificam, classificam e que tem uma organização sintética – e logo pode ser transformada, copiada, reproduzida tecnicamente através de corpos transgressores ou não. E é justamente através das tecnologias de gênero que os corpos vêm sendo classificados e normatizados. As intervenções tecnológicas tem dado sentido aos corpos transexuais, mas é essa mesma ferramenta de legitimação que os coloca no campo do abjeto (por serem empregados como inatural, anômalo, artificial). Mas, vale ressaltar que todas as

pessoas são inaturais e artificiais – formados por tecnologias de transincorporação, desde a mais leve maquiagem à mais radical cirurgia de intervenção corporal.

No âmago dessa dicotomia, o que acaba diferindo entre os chamados homens/mulheres “bio” dos homens/mulheres “trans” (PRECIADO, 2008) é o reconhecimento dessas intervenções tecnológicas no seu corpo, no gênero, nos modos de conduta.

Referências Bibliográficas

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Porto Alegre: Editora Espaço e Tempo, 2005.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. 1. ed. São Paulo: Editora Annablume, 2011.

HOHLFELDDT, et al. *Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LEITE JUNIOR, Jorge. “*Nossos corpos também mudam*”: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo – SP: Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2008.

MISKOLCI, Richard. *Reflexões sobre normalidade e desvio social*. Estudos de Sociologia. Araraquara: ed. 13/14, 2002/2003. P. 109-126. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/62642429/Normalidade-e-Desvio-Social-Miskolci> Acessado em 10 de janeiro de 2012.

SANT’ANA, Tiago. “*Sou mulher, sou menininha, só não tenho piriquitinha*”: Narrativas sobre a transexualidade no Fântástico”. Trabalho apresentado no XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – 15 a 17 de junho de 2011 – Maceio/AL. Disponível em <http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0699-1.pdf> Acessado em 5 de janeiro de 2012.

SANT’ANA, Tiago. SANCHES, Julio César. *Revelando o segredo? A transexualidade fotografada pela revista Playboy*. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades – 04 a 06 de setembro de 2011 – Centro de Convenções – Salvador/BA. Disponível em <http://nugsexdiadorim.files.wordpress.com/2011/12/revelando-o-segre-o-a-transexualidade-fotografada-pela-revista-playboy.pdf>. Acessado em 5 de janeiro de 2012.

PELUCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: Uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. 1. ed. São Paulo: Editora Annablume, Fapesp, 2009.

_____. *Na noite nem todos gatos são pardos*. Notas sobre a prostituição travesti. Cadernos Pagu. Ed. 25. Julho-dezembro de 2005. pp. 217-248.

PRECIADO, Beatriz. *Multidões queer: Notas para uma política dos “anormais”*. Florianópolis: Estudos feministas. v. 19 (1), janeiro-abril, 2011, p. 11-20.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução: uma introdução conceitual*. In. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. (org.) Tomaz Tadeu da Silva. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009.